



A CIENTIFICIDADE DO *RELIGARE*

THE SCIENTIFICITY OF *RELIGARE*

SANTOS, Marcos Carlos Vieira dos¹
SILVA, André Ribeiro da²

RESUMO

O presente artigo vem elucidar sobre a busca que o ser humano faz, até mesmo subconscientemente do “elo perdido”. Sentindo-se incompleto o mesmo está sempre à procura do sobrenatural. Para a realização deste trabalho foi utilizada a metodologia da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa. Desta forma foram pesquisados livros físicos, sites de periódicos e outros sites de relevância para a pesquisa. Assim construiu-se um material que veio trazer à tona duas vertentes que a princípio parecem antagônicas: religião e ciência. Para tanto desmembramos o tema em alguns subtemas para melhor entendimento do mesmo. Após a breve introdução discorreremos sobre o despertar da consciência espiritual, em sequência enfatizamos sobre o surgimento da religiosidade. Em seguida foi abordado sobre o espiritismo, doutrina ou ciência? E prosseguimos tratando sobre os conflitos de crença e práticas religiosas e ciência espiritual. Por fim foi realizado o fechamento do artigo com as considerações finais, demonstrando o viés científico da espiritualidade.

Palavras-chave: Espiritualidade. Religião. Ciência.

ABSTRACT

The present article comes to elucidate about the search that the human being makes, even subconsciously of the "missing link". Feeling incomplete, he is always looking for the supernatural. To carry out this work, the methodology of bibliographical research of a qualitative nature was used. In this way, physical books, journal sites and other sites of relevance to the research were searched. Thus, a material was constructed that brought to light two aspects that at first seem antagonistic: religion and science. Therefore, we have broken down the theme into some sub-themes for a better understanding of it. After a brief introduction, we discuss the awakening of spiritual awareness, then we emphasize

¹ Pós-Graduando em Filosofia da Religião. Licenciado em Filosofia

² Orientador do TCC. Pós-doutor em Neurociências. Programa de Pós-Graduação em Ciência do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares. Universidade de Brasília. E-mail: andreribeiro@unb.br

the emergence of religiosity. Then was approached about spiritism, doctrine or science? And we continued dealing with the conflicts of belief and religious practices and spiritual science. Finally, the article was closed with final considerations, demonstrating the scientific bias of spirituality.

Keywords: Spirituality. Religion. Science.

1. INTRODUÇÃO

A filosofia é a arte do instinto de busca pela verdade do mundo tangível que observamos e do intangível que nos dá sentido às emoções e sentimentos de maneira holística. Ela questiona os fatos desnudando-os a fim de se entender as nuances dos fenômenos. No quesito religioso, a mesma vem para colocar em evidência o mundo sobrenatural da fé, chegando o mais perto possível da fé raciocinada, ou explicação lógica para a religiosidade.

A proposta do artigo, A Cientificidade do *Religare* é a busca pela junção entre ciência e a essência espiritual que nos dá o existir. Começamos o desdobramento do raciocínio pela filosofia, analisando de forma ampla, na sequência tratamos a respeito das experiências (conhecimento empírico – pesquisa de campo de Kardec) e culminamos na síntese kardequiana, em suas cinco obras máximas: O Livro dos Espíritos (1857), O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo (1865) e A Gênese: Os Milagres e Predições Segundo o Espiritismo (1868). Tal procedimento se dá de forma abrangente, contextualizando e fazendo análise das diversidades culturais de forma historiográfica e ao mesmo tempo focada no tema da espiritualidade em sua nova vertente científica.

O objetivo do presente trabalho é dar luz de forma racionalizada a respeito dos fenômenos que a princípio são encarados como paranormais, sendo, contudo, mais um fenômeno da natureza, ou seja, algo natural, porém desconhecido ou ignorado pela grande maioria, principalmente em si tratando dos ocidentais. Para tal, lançamos um olhar às religiões e as inquietações da alma humana, sedenta por transcender.

2. O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL

A partir do momento em que o homem começa a tomar consciência de si, do nascimento e da morte de seus semelhantes, desperta suas emoções para o desconhecido.

Como bem ressalta Barros e Bonfatti em seu texto, o homem em sua trajetória histórica sempre conviveu com o sobrenatural, culturalmente e internamente vivendo seus anseios e medos íntimos.

Ao longo de sua história, o ser humano, por diversas vezes, caminhou às voltas com o desconhecido, sempre com uma inquietação e um olhar voltado para os mistérios, o sobrenatural. O desconhecido povoou os sonhos, as fantasias, os medos, as esperanças, as crenças, as relações e as buscas do ser humano ora como manifestação divina, ora como força demoníaca. De um ou de outro modo, o ser humano criou contato com algo transcendente, fascinando-se ou atemorizando-se (BARROS; BONFATTI, p.70, 2016).

Conforme a explanação de BARROS & BONFATTI (2016), podemos perceber a inquietude humana a respeito do sobrenatural, ou seja, dos fenômenos desconhecidos. Sequencialmente a humanidade foi evoluindo seus conceitos sobre si, sobre o Universo e sobre Deus (Criador). Entretanto a jornada é longa e desde o surgimento do homem até nossos dias ainda há muito a se melhorar, desconstruindo preconceitos e se desapegando à matéria.

3. O SURGIMENTO DA RELIGIOSIDADE

A religiosidade surge conjuntamente ao sentimento do homem de insegurança à sua própria origem e aos fenômenos até então desconhecidos da natureza. “Uma das perspectivas epistemológicas da palavra religião deriva do verbo latino *Religare* (ligar novamente). Essa definição foi difundida durante a Idade Média, entendendo-se religião como a ligação da pessoa a determinada fé e moral” (BARROS; BONFATTI, p.72, 2016).

Não existe uma definição simples de religião que expresse todas as suas dimensões. Abrangendo elementos espirituais, pessoais e sociais, é um

fenômeno que aparece em todas as culturas, desde a Pré-História até os dias atuais, conforme evidenciado nas pinturas das cavernas, nos costumes funerários de nossos ancestrais distantes e na contínua busca por um objetivo espiritual na vida.

No período Paleolítico e em grande parte da história humana, a religião serviu como forma de compreender os fenômenos naturais e exercer influência sobre eles. Assuntos como tempo, estações, vida, morte, criação, vida após a morte e a estrutura do cosmos estavam sujeitas a explicações religiosas que evocavam deuses controladores ou um plano da realidade fora do âmbito visível, habitado por divindades e criaturas místicas. A religião era um modo de se comunicar com esses deuses por meio de rituais e rezas, e essas práticas, quando compartilhadas por membros de uma comunidade, ajudaram a consolidar grupos sociais, reforçar hierarquias e criar um sentido de identidade coletiva (O Livro das Religiões, 2014, p. 12).

A mitologia é um bom exemplo ao tratarmos do surgimento da religiosidade, pois a mesma surgiu na tentativa de explicar o sobrenatural, ou seja, o desconhecido. Na Grécia Antiga ela é pretérita à filosofia.

A palavra misticismo remete à crença em forças sobrenaturais. O homem verdadeiramente místico procura uma sintonia direta entre a fonte universal que lhe deu origem, de forma consciencial e amorosa, desapegada aos bens e pessoas. Assim de forma vertical recepta o conhecimento e horizontalmente jorra sua luz da sabedoria captada; é desta forma que se comporta os mais instruídos avatares, como Jesus Cristo, Mahatma Gandhi, Sathya Sai Baba dentre outros. O misticismo religioso ao contrário é seguido por uma massa que ainda não deu um salto qualitativo na transcendência, a qual vem de dentro, do íntimo do ser. Essa massa é levada geralmente por “sofistas”, tidos como líderes de religiões e igrejas. Desta forma não pensando por si só, são facilmente levadas por tais “sofistas”, cuja a verdade, nem sempre está em primeiro lugar.

Os povos formaram ideias muito divergentes sobre a criação, segundo o grau dos seus conhecimentos. A razão, apoiada na ciência, reconheceu a impossibilidade de certas teorias. Aquela dada pelos Espíritos confirma a opinião admitida, há longo tempo, pelos homens mais esclarecidos (KARDEC, p. 48, 2009).

Kardec em sua sistematização dos fenômenos espirituais nos traz de forma metodológica um universo até então de apenas especulações.

A ciência, escavando os arquivos da Terra, reconheceu a ordem pela qual os diferentes seres vivos apareceram em sua superfície, e esta ordem está de acordo com aquela indicada na Gênese, com a diferença de que esta obra, ao invés de sair milagrosamente das mãos de Deus, em algumas horas, se realizou sempre pela sua vontade, mas segundo a lei das forças da Natureza, em alguns milhões de anos. Deus ficou, por isso menor ou menos poderoso? Sua obra ficou menos sublime por não ter o prestígio da instantaneidade (KARDEC, p.49, 2009)?

A ciência precisa deixar o ceticismo e a religião o dogmatismo, para ambas se inter-relacionarem.

A expansão religiosa no Ocidente pode ser conhecida através das narrativas filosóficas da Grécia Antiga, que chegou até nós através do que sobrou da biblioteca de Alexandria. O ilustre professor universitário Nelci Silvério de Oliveira, pesquisador, escritor e espiritualista nos mostra a respeito desta primogênita constituição da religiosidade.

A iniciação espiritual completa, que Pitágoras proporcionava aos discípulos, comporta quatro fases ou estágios: preparação, purificação, perfeição e epifania. (...)

A perfeição, “taliótes”, a fase do terceiro grau, permitia ao discípulo avançado descobrir, em si mesmo, a natureza divina. Era a partir desse estágio que o homem podia autoconhecer-se e autorrealizar-se à medida desse autoconhecimento, transformando-se numa poderosa antena de captação do Infinito e de retransmissão desinteressada para todos os finitos. Estabelecia-se, então, a religião consciencial vivida entre o Filho e o Pai, a criatura e o seu Criador (OLIVEIRA, p. 24-25, 2000).

Conforme o relato de Senra e Silva, a partir da Reforma Protestante (século XVI) liderada por Martinho Lutero, ex-comungado da Igreja Católica por suas divergências ideológicas e princípios genuinamente cristãos, surge uma nova vertente religiosa. É pena que Lutero tivesse o apoio da burguesia emergente não pelo mesmo motivo que o seu, na verdade era o oposto, o de capitalizar e acumular bens materiais, assim encontrou guarida na Inglaterra.

Por sua vez, em meados do século XVI, como destaca Latourette (2006), a reforma protestante representou a maior cisão do cristianismo ocidental. A ruptura promovida pela Reforma proporcionou interpretações distintas do cristianismo, o que favoreceu como defende Almeida (2003), a ampliação da

compreensão da religião, o poder governamental, o desenvolvimento da burguesia e a liberdade religiosa (SENRA; SILVA, p. 13, 2021).

A expansão religiosa no Oriente é pretérita à Ocidental, uma vez que a mesma data de antepassados milenares, onde se teve conhecimento das primeiras civilizações.

Na obra Filosofia Geral de Nelci Silvério de Oliveira podemos saber mais sobre o despertar da religiosidade Oriental.

Com a conquista da Índia pelos povos árias, houve ali uma das mais belas civilizações já existentes em nosso mundo. A literatura védica, sobretudo o Mahabarata, revela-nos toda essa brilhante epopeia. Tais senhores arianos, afastados da política, perseguidos e vivendo como ascetas, às margens dos rios, no coração das florestas ou nos cumes das montanhas, é que verdadeiramente tinham acesso ao espírito dos Vedas (visão). Longe da azáfama profana das multidões involuídas, os árias estavam em permanente sintonia com o infinito (OLIVEIRA, p.121, 2000).

É importante ressaltar que o ser humano tem projetado em si, o germe evolutivo; e que o fim último do sentimento da busca para sua religação ao infinito que lhe deu origem, é o seu aperfeiçoamento, sua evolução espiritual, através do desenvolvimento de práticas benevolentes rumo ao mundo espiritual de onde veio, mesmo que subconscientemente.

Dessa forma, a busca desse contato, que parte da crença em uma instância superior e inteligente que ultrapasse a condição de finitude humana e a justifique, influencia e participa na organização da estrutura psíquica e da subjetividade da maioria das pessoas. Mais que isso, norteia suas relações sociais, valores, emoções, condutas e comportamentos. Influencia, enfim, seu modo de pertencimento e compreensão de mundo e de si mesmo (BARROS; BONFATTI, p.70, 2016).

Germano e Pinto nos traz a historicidade da religiosidade que está intrínseca ao ser humano.

Sofrendo várias transformações ao logo do tempo, a história da religião se confunde com a própria história da humanidade. De acordo com Gardner et al (2000), não existe nenhuma raça ou tribo de que se tenha rastro que não haja experimentado algum tipo de religião. Do latim religione, é uma derivação do verbo religare (re-ligare) que, pode ser, tanto um novo patamar entre um sujeito e um objeto, um sujeito e outro sujeito, como também entre um objeto e outro objeto. Naturalmente, a religação deve pressupor um momento originário de

união, um elo primário de ligação que, uma vez desfeito, admite uma nova ligação (GERMANO; PINTO, p. 69, 2020).

A institucionalização das religiões ocorreu quando as mesmas começaram a tomar corpo. Conseqüentemente surge a hierarquização da mesma, e como o ser humano é um ser em evolução, logo mais imperfeito, muitos fizeram mal uso de suas atribuições hierárquicas. Entretanto, apesar da ganância materialista, a intenção a priori das igrejas visíveis é o meio para se alcançar a religião e não o fim. Quando se esclarece mais com os estudos históricos e filosóficos percebe-se que a religião instituída apesar de sua importância cultural e religiosa é apenas mais um dos vários canais para o caminhar rumo à religião. Assim não se faz necessário o pertencimento a qualquer seguimento religioso, uma vez que, o mais importante é a conduta íntima e a caridade ao próximo.

Ressaltamos, em linhas gerais, que o reconhecimento da multiplicidade de abordagens do fenômeno religioso, o acúmulo do conhecimento histórico sobre as religiões somado à colaboração teórica de seus fundadores e a cientificidade de seus métodos, tornou a ciência da religião uma disciplina acadêmica autônoma no contexto das ciências humanas. Quanto à sua distinção em relação à teologia, evidenciamos que ambas disciplinas são reconhecidas pelos fundadores como distintas quanto aos objetos de pesquisa, embora possam interagir conforme as necessidades da pesquisa (SENRA; SILVA, p. 20, 2021).

Germano e Pinto cita Gardner et al que nos traz o estudo das religiões, fazendo um aparato geral categorizando-as em primitivas, nacionais e universais.

O estudo das religiões pela ciência das religiões costuma dividi-las em três categorias: Religiões Primitivas - típicas de povos tribais e que tem como característica principal a crença numa variedade de forças, deuses e espíritos que controlam a vida; Religiões Nacionais - incluem um grande número de religiões históricas que não são mais praticadas: germânica, grega, egípcia e assírio-babilônica, geralmente adotavam o politeísmo, possuindo uma mitologia bem desenvolvida e uma monarquia sacra; Religiões Universais: tem o objetivo de atingir todas as pessoas e nações. Nascidas a partir de nomes conhecidos como: Moisés, Jesus, Maomé, Buda e Lao-Tse, são exemplos de religiões universais: o judaísmo, o cristianismo, o islamismo, o budismo e o taoísmo (GARDNER et al, 200, p.37), citado por: (GERMANO; PINTO, p. 70, 2020).

Com a reflexão dos estudos das religiões, podemos perceber que existem graus, estágios e abrangências em níveis diversos das variadas religiosidades. Assim, através da investigação, pode-se entender de forma antropológica a historicidade religiosa.

4. ESPIRITISMO, DOCTRINA OU CIÊNCIA?

Ainda hoje, pelo conhecimento superficial ou desconhecimento, o espiritismo é estigmatizado. As pessoas, em sua maioria têm medo, pensando si tratar de bruxarias, feitiços, macumbas no sentido pejorativo dos termos. Desta forma, também não se sabe diferenciar um segmento do outro, assim como muitos acham que os índios são todos iguais e que os negros também são. Tanto os indígenas brasileiros, quanto os negros trazidos da África têm etnias distintas, com línguas e culturas próprias e peculiares dependendo da tribo a qual pertencem. Assim como na Europa nem todos são ingleses ou franceses, na África e no Brasil, seus habitantes originários também se distinguem no espaço habitado, em suas territorialidades. A analogia citada é para elucidarmos a respeito dos cultos religiosos e espiritualistas em que se confundem com as diferentes culturas. Mas é importante salientar que o espiritismo, intitulado espiritismo kardequiano nada tem a ver com os da cultura afro-brasileira, a qual também deve ser respeitada como todas as outras.

O Espiritismo sistematizado por Allan Kardec se confunde com uma religião, sendo considerada uma doutrina. Contudo, sua raiz é de base científica, uma vez que para sua sistematização foi utilizada metodologia científica. Kardec pesquisou, observou, analisou os dados coletados, foi a campo para realizar seu trabalho de forma empírica, decorrendo um longo período de instrução sobre o mundo espiritual. Suas pesquisas e seu trabalho de campo se concretizaram em cinco obras: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno, ou Justiça Divina Segundo o Espiritismo e A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo.

Rivail nascido em Lyon na França, cujo pseudônimo é Allan Kardec (1804-1869), iniciou sua trajetória como um exímio educador, discípulo de Pestalozzi, pedagogo e filósofo, nascido em Zurique na Suíça em 1746, falecido em 1827. Kardec que sempre foi apaixonado pela educação e as ciências, em especial ao magnetismo, um autêntico filósofo e cientista porque era hábil em seus métodos de pesquisa. Foi assim, com seu esforço, dedicação e talento que conseguiu mostrar a toda sociedade uma verdade fisicamente incompreendida até então, mas que si tratava de mais uma lei física desconhecida da população em geral e do meio acadêmico. Por seus estudos envolverem Deus (criador), quesitos como certo e errado, bem e mal, imortalidade da alma (que foi comprovado), e demais assuntos que também são tratados nas diversas religiões, o espiritismo sistematizado por Allan Kardec veio a ganhar o título de Doutrina Espírita. Contudo o que realmente nos foi apresentado pela pesquisa e descoberta de Kardec foi algo além de uma filosofia para a vida, ou uma religião. Foi-nos desvendado algo que era objeto de especulação, com opiniões diversas, misticismo e medos do desconhecido, do oculto. Apesar de o tema ser metafísico, tivemos com os estudos, pesquisas de campo e análise dos dados, a materialidade objetiva dos fenômenos espirituais. Seus livros são uma rica e esclarecedora fonte de pesquisa e que são adotados nos centros espíritas sérios, onde seus membros se reúnem para estudar e compreender essa nova ciência imaterial aos olhos de muitos, os quais não têm a mediunidade, mas que nem por isso deixa de ser algo real.

A ideia clara e precisa que se faz da vida futura dá uma fé inabalável no futuro, e essa fé tem consequências imensas sobre a moralização dos homens, quando muda completamente o ponto de vista sob o qual eles examinam a vida terrestre. Para aquele que se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual que é indefinida, a vida corporal não é mais que uma passagem, uma curta estação num país ingrato. As vicissitudes e as tribulações da vida não são mais que incidentes que recebe com paciência, porque sabe que não são senão de curta duração, e devem ser seguidos de um estado mais feliz; a morte nada mais tem de apavorante, e não é mais a porta do nada, mas a da libertação que abre, ao exilado, a entrada de uma morada de felicidade e de paz. Sabendo que está em um lugar temporário, e não definitivo, recebe as inquietações da vida com mais indiferença, e disso resulta, para ele, uma calma de espírito que lhe atenua a amargura (KARDEC, 2009, p. 34).

O meio acadêmico de outrora como o de hoje é extremamente cético e materialista, principalmente no Ocidente, como também o era Rivail, antes de observar e entender as comunicações dos espíritos desencarnados. Apesar das publicações de Kardec datar do século XIX, a maioria das pessoas são leigas e tem até certo preconceito ao tema, contudo isso se dá pelo desconhecimento da matéria em questão.

5. CONFLITOS DE CRENÇA E PRÁTICAS RELIGIOSAS

Partindo de uma análise psicológica do ser humano, podemos perceber que o conflito é inerente ao ser humano, seja interno ou interpessoal. Em si tratando de crenças religiosas não é diferente, e as divergências às vezes saem do campo meramente ideológico e passam a ser travadas como guerras. Isso se deve ao fato da intolerância ao diferente, no caso a intolerância às manifestações religiosas. Esse conflito acontece com maior peso quando duas etnias diferentes acabam por ocuparem o mesmo território. Aceitar uma cultura diferente para muitos às vezes é pensar que a sua é superior, melhor, não compreendendo que as diferenças fazem parte da grande coletividade humana.

Conforme o nosso conhecimento das diversidades e o nosso grau de maturidade, temos maior abertura para o novo e para maior tolerância.

Ser fundamentalista é não analisar reflexivamente, é ser intransigente. Veja o pensamento de Rosa a respeito da questão do fundamentalismo:

A partir desta concepção, há que se destacar que o fundamentalismo não se constitui em uma doutrina, porém é umas das formas de se viver a doutrina. Outra questão, esta atitude assume uma postura absolutizadora da realidade, gerando o não reconhecimento do outro, agressividade, guerra, enfim violência (ROSA, p. 102, 2018).

A Terra é habitada por diferentes culturas, onde os hábitos, crenças e valores são característicos, conforme sua história, trajetória e localidade geográfica, ou seja, temos variadas manifestações religiosas.

6. CIÊNCIA ESPIRITUAL

O Positivismo foi uma vertente filosófico-científica encabeçado por Auguste Comte, que veio para quebrar dogmas e conceitos de senso comum. Contudo, tal difusão racional empírica acabou por tornar a sociedade mais descrente e cética.

O positivismo defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. De acordo com os positivistas somente pode-se afirmar que uma teoria é correta se ela foi comprovada através de métodos científicos válidos. Os positivistas não consideram os conhecimentos adquiridos através de crenças religiosas, superstição ou qualquer outro, do campo espiritual, intuitivo ou transcendente, que não possa ser comprovado cientificamente. Para eles, o progresso da humanidade depende exclusivamente dos avanços científicos (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Positivismo>).

Os falsos profetas fizeram surgir uma grande parcela social de incrédulos, assim a ciência se distancia do misticismo, e também por esse motivo até os dias atuais o ceticismo é natural entre muitos.

Hoje, poucos filósofos acreditam que posições religiosas, como a existência de Deus ou a imortalidade da alma, possam ser provadas pelo raciocínio filosófico. Mas o que alguns reivindicam para a filosofia é que ela pode demonstrar que, embora os religiosos mantenham certas doutrinas como questão de fé, suas visões gerais não são menos racionais ou coerentes do que as dos agnósticos e ateus (O Livro das Religiões, p. 95, 2014).

Veja a seguir o que nos diz Germano e Pinto sobre os dilemas científicos e filosóficos sobre a religião:

No novo cenário, as reflexões filosóficas ganharam força e a religião retornou à espera pública. O mesmo fenômeno de mídia, dorsal da globalização, que alavancou a ciência e a tecnologia também conectou as descobertas e acontecimentos religiosos por todas as partes do mundo. As duas restrições culturais passaram a conviver e concorrer em um novo contexto de reconhecida complexidade que, inevitavelmente encontra lugar no espaço da escola (GERMANO; PINTO, p. 72, 2020).

Rosa nos traz o pensamento contemporâneo em que o materialismo ganha peso e o lado religioso de certa forma perde sua credibilidade devido ao distanciamento entre razão e religiosidade.

Uma das características marcantes no pensamento na contemporaneidade foi uma ruptura com o pensamento metafísico, inaugurando uma nova fase em termos de pensamento. De um teocentrismo presente no pensamento medieval, a modernidade inaugura na fase do antropocentrismo, ou seja, ao invés de Deus ser centro, o homem passa a ser o centro. Descartes, na modernidade, sintetiza esta busca centralizada no ser humano, com o “*cogito ergo Sum*”. Esta racionalidade é analisada pelos teóricos da filosofia crítica como a racionalidade instrumental. Esta racionalidade fez promessa de dar aos homens, por meio do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, respostas às questões mais profundas da existência humana. Entretanto, o que se vê dentro desta realidade é que o processo de consolidação do capitalismo e das fases subsequentes deste modo de produção tornou o homem explorado, reificado, e não resolveu questões mais profundas do ser humano. Na contemporaneidade, especialmente na virada do terceiro milênio, o homem contemporâneo volta-se para o fenômeno religioso. E estudar a religião numa perspectiva dos fundamentos das Ciências da Religião se torna fundamental em termos da formação cultural no final desta segunda década do século XXI (ROSA, p. 80, 2018).

Já com Gonçalves podemos verificar a construção da cientificidade com a teologia, embasada por pensadores relevantes como Heidegger, um filósofo da contemporaneidade.

A era contemporânea está marcada por debates acerca da cientificidade da teologia, atribuindo à denominada virada hermenêutica, especialmente ocorrida com Martin Heidegger e apropriada por vários teólogos, a responsabilidade de possibilitar a construção da identidade científica da teologia e o diálogo com as ciências humanas, as ciências naturais e as ciências exatas (GONÇALVES, p. 933, 2014).

Um dos propósitos da construção deste artigo foi o de trazer à tona o caráter mais filosófico a respeito do mundo espiritual, bem como o instinto de religião entre o homem e o Criado que lhe deu origem. Então de forma acadêmica nos posicionamos a respeito da construção religiosa ao longo da história. Fato é que a descrição alegórica muita das vezes é tomada ao pé da letra, onde a fábula é tida como a própria realidade literalmente.

A humanidade precisa avançar mais e entender que se faz necessário uma interpretação das conotações bíblicas e demais livros sagrados.

A questão da compreensão do conhecimento é uma preocupação perene dos pensadores desde os albos da humanidade. A percepção do conhecimento altera-se em função do tempo e do espaço. Historicamente são perceptíveis as diferentes formulações da noção de conhecimento, especialmente enquanto elemento essencial para o desenvolvimento de uma determinada cosmovisão permeada por fatores culturais (LIMA; et al, p. 2, 2010).

A teologização entre o bem e o mal foi uma criação do ponto de vista de alguns intelectuais da Igreja Católica por volta do século V. As misturas filosóficas das teorias de Platão e Aristóteles combinada a vida dualista (mundana x religiosa) que viveu Agostinho de Hipona, fez a concretização do Anjo x Demônio. Mais tarde por volta do século XV, Thomás de Aquino reforça esta dualidade nos textos clérigos.

É perceptível como ambos os discursos, religioso e científico encontram-se presente na concretude da existência humana. Seja na matriz da lógica matemática, ou na articulação dos mitos, busca-se sempre descrever e apreender a realidade. Paradoxalmente, o home, como ponto de interseção de todos os sistemas, é também o ponto de divergências. Mas, considerando que religião e ciências estejam situadas na mesma linha do tempo, o que temos de fato, são duas formas diferentes de enxergar uma mesma realidade. Olhares distintos, que oscilam no decorrer da história e, na medida em que uma visão predomina, levando consigo o status de verdade, a outra sofre o preconceito da inutilidade e do silêncio. Embora seja difícil de acreditar, assim como a religião, atualmente ensinada como matéria facultativa, a ciência moderna também já o foi em outros cenários - aqueles em que a teologia é quem era obrigatória. naqueles outros mundos poderíamos tranquilamente, parafraseando Mahner e Bunge escrever: "a educação científica, precoce, é prejudicial à educação religiosa da criança" (GERMANO; PINTO, p. 88, 2020).

Felizmente no século XIX surge um pedagogo, um autêntico cientista que percebe um outro lado da natureza, até então apenas especulado, o mundo espiritual, o qual fazemos parte e por não compreender cientificamente fingimos não existir. Kardec então após sua pesquisa empírica verifica que não existe demônio, a figura a qual a Igreja o empoderou. O bem e o mal estão dentro de cada um, e o mal nada mais é que a ausência do bem, que se galga evolutivamente. A figura do demônio é apenas um espírito

de um homem que não pratica o bem, mas apenas um espírito humano e não o ser especial diferenciado com poderes. Da mesma forma os anjos também não são seres diferentes, são humanos mais evoluídos que se comprazem no bem, o qual também é o destino de toda criatura humana. O mal é temporário, pois evoluindo o homem vai deixando suas mazelas, vai se lapidando.

É importante também ressaltar que não existe céu e inferno, e nem castigo eterno, Deus é misericordioso e justo, a lei de causa e efeito existe para a reparação das falhas. No próprio Planeta Terra podemos viver o céu e o inferno, depende do que estamos sentindo, mais do que estarmos em um lugar circunscrito. No mundo espiritual temos os locais conforme nossa afinidade vibracional que depende do nosso íntimo, como os sentimentos de caridade, avareza, amor, ódio, inveja, compaixão etc.; portanto é nisso que se deve focar, na conduta, nosso comportamento e nossas emoções.

Um outro aspecto a ser destacado, prende-se ao fato de que as Ciências da Religião não se podem fechar em si mesmas, portanto, devem estar abertas às outras ciências da área das humanidades que a auxiliarão na busca do entendimento em relação ao fenômeno religioso. Enquanto ciência, esta área do conhecimento, precisa caminhar em termos investigativos, buscando como referencial, aspectos históricos em relação ao seu desenvolvimento teórico em outros países do mundo (ROSA, p. 75, 2018).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo veio tratar de forma acadêmica sobre a religiosidade, algo que vem além das religiões físicas, visíveis e materializadas que são objetos culturais. O objetivo foi transpor sobre os ritos, culturas e tradições, em uma linguagem do campo da fisiologia humana, a necrópsia da alma. Procuramos trazer à tona um sentimento intrínseco ao homem, o desejo de conforto e autorrealização, ou seja, a tão mencionada religião citada nos Livros Sagrados.

O ser humano é uma criação Divina com potencial para evolução infinita, esse é o propósito do Criador, não somente para o homem, como também para toda espécie

orgânica e inorgânica, tudo se interage e se transforma no Universo. Os ensaios de laboratório com a física e a química pode nos dá uma minúscula visão do macro laboratório universal no qual fazemos partes.

A religião humana está em constante construção, é algo dinâmico e contínuo, pois a mesma ocorre gradualmente, não somente em uma única vida física, mas nas múltiplas existências materiais e etéreas. Nenhum manual pode nos religar como apertando uma tecla *start*. A nossa evolução é que nos aproxima do elo que aparentemente foi rompido. Contudo, o que ocorre é que fomos criados simples e ignorantes e quanto mais evoluímos, com sentimentos nobres de amor, compaixão, mais sentimos falta do infinito (Criador) que nos deu origem, pois começamos a adquirir consciência do nosso ser potencialmente divino e temos vontade de nos despojarmos da ignorância primária, onde nossos erros nos fazem sofrer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Cristiane do Amaral de; BONFATTI, Paulo Ferreira. **Psicologia da Religião: reflexões**. Revista Psique, Juiz de Fora, v.1, n.1, p. 70-85, jan./jul. 2016.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **A Teologia como Ciência Ôtica e sua Relação com a Filosofia**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 932-956, jul./set. 2014.

GERMANO, Marcelo Gomes; Pinto, José Antônio Ferreira. **Ciência e Religião: Conflito Silencioso, Debate Silencioso**. Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 29, n. 3, p. 67-92, set./dez., 2020.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 365. ed. Araras: IDE, 2009.

_____. **O Livro dos Espíritos**. 182. ed. Araras: IDE, 2009.

LIMA, Marileuza Fernandes Correia de; SOUSA, Maria do Socorro; SOUSA, Wallace Ferreira de. **Religião, Saúde e Espiritualidade: construções interdisciplinares entre ciências sociais e saúde**. Anais do 1º Seminário de Sociologia da Saúde e Ecologia Humana. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 14 a 16 de setembro de 2010.

OLIVEIRA, Nelci Silverio de. **Filosofia Geral**. Goiânia: Editora AB, 2000.

ROSA, Geraldo Antônio da. **Fundamentos das Ciências da Religião**. (Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional da Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB) Santa Maria: UFSM/NTE, 2018.

SENRA, Flávio; SILVA, Maurílio Ribeiro da. **Ciência da Religião: uma disciplina**. Estudos de Religião, v. 35, n. 3, 9-32, set.- dez. 2021.

O Livro das Religiões. São Paulo: Globo Livros, 2014.

Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: <pt.wikipedia.org>. Acesso em 17 de out. 2022.